



A CORRELAÇÃO DO HUMOR COM A TRISTEZA E SUAS IMPLICAÇÕES DE RESPONSABILIDADE EM RELAÇÃO À PESSOA DO OUTRO

THE CORRELATION OF HUMOR WITH SORROW AND ITS IMPLICATIONS OF RESPONSIBILITY TOWARDS THE PERSON OF THE OTHER

Adielson Martins¹

Resumo: Este texto constitui um excerto adaptado do segundo capítulo do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *O humor como vivacidade em Henri Bergson, suas implicações de responsabilidade com relação à pessoa do outro e suas contribuições para a Sociedade do Cansaço*. Ele se volta para um aprofundamento da temática do humor, especificamente no que concerne à responsabilidade em relação à pessoa do outro, tentando descobrir se existe algum limite para o humor. Afinal de contas, ele, o humor, deve ser despreocupado e indiferente – rindo de qualquer jeito de tudo, do outro e da própria realidade – ou comprometido, de forma que o riso possa abordar qualquer tema, desde que não se ria de uma maneira cruel, ofensiva ou humilhante? Enfim, o humor deve ser crítico também?

Palavras-chave: Humor. Tristeza. Correlação. Limites. Crítico.

Abstract: This text constitutes an adapted excerpt from the second chapter of the Course Conclusion Paper entitled *Humor as vivacity in Henri Bergson, its implications of responsibility towards the person of the other and its contributions to the Burnout Society*. He turns to a deepening of the theme of humor, specifically in concerning to the responsibility towards the person of the other, trying to find out if there is any limit to humor. After all, it, the humor, must be carefree and indifferent - laughing anyway at everything, at the other and at reality itself - or committed, so that laughter can address any topic, as long as you don't laugh in a way cruel, offensive or humiliating? Finally, humor must be critical too?

Key words: Humor. Sorrow. Correlation. Limits. Critical.

¹ Bacharelado em Filosofia no Instituto Filosófico São José, vinculado ao Seminário Diocesano Nossa Senhora das Dores da Diocese da Campanha – MG. ORCID: 0000-0001-8575-7050. Lattes: 0377444935390673. Contato: adielsonmartins98@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe refletir, primeiramente, a relação entre o humor e temas considerados tristes ou trágicos, mostrando que tais temas, diferentes do que se imagina, não são opostos. Depois, possui como objetivo pensar quais seriam os limites do humor, tentando responder quando se é válido rir e quando o riso deve cessar diante de determinadas brincadeiras, o levaria a questão: o humor deveria ser crítico ou simplesmente um riso descompromissado? Enfim, existiria alguma responsabilidade em relação à pessoa do outro, que o humor não pode ultrapassar, pois ultrapassando ele deixaria de ser humor, transformando-se apenas num riso humilhante, no qual quem dele é alvo é abraçado pela tristeza?

Para tal intento, o trabalho está subdividida metodologicamente para a explicação dos objetivos propostos da seguinte maneira: primeiramente, será apresentado o que leva uma pessoa a despertar o riso de seu semelhante segundo a visão do filósofo francês Henri Bergson²; a seguir, a correlação entre a alegria e a tristeza; depois, se o humor deve ser despreocupado, rindo de qualquer jeito de tudo, do outro ou da própria realidade, ou comprometido, de forma que o riso possa abordar qualquer tema, desde que não se ria de uma maneira cruel, ofensiva ou humilhante.

2 QUAIS MOTIVOS DESPERTAM O RIR DE UM SEMELHANTE?

Segundo Bergson, “Não apreciaríamos o cômico se nos sentíssemos isolados” (BERGSON, 2018, p. 39). O cômico aparece como sendo algo que é compartilhado com o social, pois o homem se diverte melhor quando compartilha alegrias com o outro. Sozinho o homem desfrutaria com menos prazer o cômico. Assim, o que se almeja agora é um aprofundamento que demonstre que o respeito à pessoa do outro é algo fundamental para o humor. Como o humor, que é sempre mais prazeroso quando contemplado junto com o outro, pode se mostrar totalmente indiferente ao semelhante?

² O filósofo, professor e diplomata, Henri Louis Bergson, nasceu no dia 18 de outubro de 1859 na cidade de Paris e faleceu no dia 4 de janeiro de 1941 (REALE; ANTISERI, 2006, p. 349). Bergson possui uma obra intitulada de *O Riso: ensaios sobre o significado do cômico* (1900) onde ele se dedica exclusivamente para a reflexão da temática do humor.

Bergson descreve que o personagem cômico é involuntário, assemelhando-se àquele que utiliza o anel de Gyges³ ao contrário, ou seja, ele se torna invisível a si mesmo e visível aos olhares dos outros e, por conseguinte, deve estar aberto para os juízos que fazem dele.

Como se ele usasse o anel de Gyges ao contrário, ele se torna invisível a si mesmo tornando-se visível para todos. Uma personagem de tragédia não mudará em nada sua conduta por saber como a julgamos; será capaz de perseverar nela, mesmo com a plena consciência daquilo que ela é, mesmo com o sentimento bastante claro do horror que nos inspira. Mas um defeito ridículo, desde que ele se sinta ridículo, tenta se modificar, ao menos exteriormente. (BERGSON, 2018, p. 43).

Desse modo, quem é personagem da comédia se mostra aberto aos juízos ou críticas do outro. Ele não se mostra demasiado fechado em si mesmo e em suas ideias, mas, pelo contrário, demonstra que pode apreender com o outro e corrigir a si mesmo. Atitude que não acontece com o personagem próprio da tragédia, por exemplo, pois, para ele, o riso repreensivo dos outros em nada afeta a sua conduta, pois a observação dos homens não parece ser necessária ao poeta trágico (BERGSON, 2018, p. 109).

Bergson explicita insistentemente, como se verá mais adiante, que o ato de rir exerce uma espécie de função social de correção, o que seria útil à sociedade como se ele fosse uma espécie de ferramenta que ajustaria os comportamentos sociais. Porém, neste primeiro momento, percebe-se que, antes de exercer uma função que modifica o social, o personagem cômico é convidado a corrigir a si mesmo, seus defeitos, sua rigidez, seus vícios, os quais tornam-se visíveis quando se expõem ao julgamento e ao contato com o outro, com o social.

Assim, essa capacidade de se autoavaliar deve sempre acompanhar o humorista que deseje produzir um humor e um riso que respeita o outro. Antes de ser um de correção social, o humor mostra que é necessário corrigir a si mesmo primeiro, para que tal intento não reproduza algo que machuque o outro.

Porém, nem sempre isso acontece, o humor muitas vezes pode ser visto como uma forma de humilhação, a qual ri desrespeitosamente do outro e do mundo. Afinal, tudo pode ser tocado pelo humor? Todos os temas e assuntos podem ser por ele abordados ou existiria algo, como a tragédia, por exemplo, a qual deveria estar fora do discurso do humor? Então, deveria se impor ao humor alguma censura ou algum limite? Antes de tais questões, o trabalho deve investigar o motivo que leva o social a rir da pessoa do outro. Bergson

³ Mito descrito por Platão no segundo livro da obra *A república*. Gyges era um pastor que encontrou um anel que lhe conferia o poder de se tornar invisível.

apresenta três motivos, que justifica tal ato, mostrando que uma grande força do social é a motivação da produção do riso.

No terceiro capítulo da obra *O Riso*⁴, Bergson apresenta a comicidade de caráter. “Convencidos de que o riso tem um significado e uma amplitude sociais, que o riso expressa [...] uma certa inadaptação particular da pessoa à sociedade, que, enfim, apenas o homem é cômico, é o homem de caráter que visamos desde o início” (BERGSON, 2018, p. 95).

É aqui onde ele expressa o primeiro fator pelo qual é motivado o riso social: a *insociabilidade*. “A verdade é que, a rigor, a personagem cômica pode estar em total acordo com [a] estrita moral. Falta a ela entrar em acordo com a sociedade” (BERGSON, 2018, p. 97). Aqui, a questão do caráter não se limita somente ao que é certo ou errado, ao que seja moral ou imoral. Bergson contesta que o riso seja decorrência de um questionamento moral, já que alguma pessoa “[...] poderia estar em dia com os códigos e padrões de um grupo, mas se ele estiver ‘em débito’ com a sociedade, se apresentar estar alheio ao contexto social em que deveria estar inserido, o riso servirá como um alerta” (VERRONE, 2009, p. 25).

O segundo motivo é a insensibilidade do observador, que rirá somente no momento em que não for tomado pela emoção. Ou seja, em qualquer momento se houver total empatia, piedade, compaixão ou outro sentimento por aquele de quem é alvo do riso, ele não acontecerá. Ou seja, o humor necessita de uma *insensibilidade momentânea* dos sentimentos que podem comover o homem para existir (BERGSON, 2018, p. 38). “Em suma, o cômico exige, para produzir seu efeito, algo como uma anestesia momentânea do coração” (BERGSON, 2018, p. 39), pois não haveria comicidade se em todas as situações fossem percebidas somente o seu lado, por assim dizer, “sério”.

Em resumo, vimos que um caráter pode ser bom ou mal, pouco importa; se for antissocial poderá tornar-se cômico. Vemos agora que a gravidade do caso tampouco está em questão; grave ou leve, poderá nos fazer rir se tudo for arranjado para que não nos comova. *Insociabilidade* da personagem, *insensibilidade* do espectador, eis, em resumo, as duas condições essenciais. Mas há uma terceira, implicada nestas duas, e para a qual tendem todas as nossas análises feitas até aqui. (BERGSON, 2018, p. 100-101).

O humor⁵, segundo Bergson, deseja corrigir o mecânico, a rigidez que tende a tomar conta do homem, deixando seus movimentos, gestos e ações imaleáveis, ou seja, corrigir o

⁴ Abreviação utilizada para representar a obra *O Riso: ensaios sobre o significado do cômico*.

⁵ Bergson define o humor como sendo a tentativa do *meecânico sobrepor-se ao vivo* (BERGSON, 2018, p. 52). Ou seja, o engraçado, o risível seria captar a rigidez mecânica onde deveria estar a agilidade e a flexibilidade de

mecânico que tenta suprimir toda a dinamicidade, comum à vida e ao homem. Eis, então, o terceiro motivo que desperta o riso do social: o automatismo, onde nada há de essencialmente risível senão o que é realizado automaticamente. “Em um defeito, mesmo em uma qualidade, o cômico é aquilo pelo que a personagem age à sua revelia, o gesto involuntário, a palavra inconsciente” (BERGSON, 2018, p. 101).

Aqui, o automatismo pode ser entendido em duplo sentido: o primeiro seria o *mecânico tentando sobrepor-se ao vivo* (BERGSON, 2018, p. 52), onde a rigidez se insere no homem, de modo que ele haja de forma mecânica diante da vida, que é sempre dinâmica e que lhe cobra a maleabilidade; o segundo sentido, é que também a sociedade exige a dinamicidade e a flexibilidade do homem. Ou seja, a sociedade, assim como a vida, denuncia a mecanização que pode levar o homem a não observar certas normas estabelecidas pela própria sociedade para o bom convívio. A essa mecanização, que levaria o ser humano a não observância das normas de convívio, o riso seria uma resposta corretiva da sociedade às inadequações de seus membros (SANTOS, 2018, p. 150).

[...] a pessoa pode viver, e viver em comunidade com outras pessoas. Mas a sociedade pede ainda mais. Não basta viver; é preciso viver bem. **Agora, o que ela teme é que cada um de nós, satisfeito em estar atento ao que é essencial à vida, se deixe levar, quanto ao resto, pelo automatismo fácil dos hábitos adquiridos.** [...] não lhe basta o acordo estabelecido entre as pessoas, ela deseja um esforço constante de adaptação recíproca. Toda a rigidez de caráter, de espírito e, mesmo, do corpo será, portanto, suspeita para a sociedade, uma vez que pode ser o sinal de uma atratividade que adormece e, também, de uma atividade que se isola, que tende a se afastar do centro comum ao redor do qual a sociedade gravita, de uma excentricidade, enfim. **Neste caso, no entanto, a sociedade não pode intervir com uma**

uma pessoa (BERGSON, 2018, p. 41). Quer dizer então que se obtém o cômico a partir do momento em que se tem a impressão de que os gestos, as atitudes e o movimento humano funcionam como um simples mecanismo, o qual se instalou na vida, tentando imitá-la. Porém, esse movimento é discreto, de modo que “[...] o conjunto da pessoa, que teve cada um de seus membros enrijecido como peça mecânica, continue a nos dar a impressão de um ser vivo” (BERGSON, 2018, p. 49). Para Bergson as pessoas tornam-se cômicas a partir do momento em que perdem a dinamicidade, essa maleabilidade perante as situações que estão em sua volta, automatizando-se. O indivíduo seria tomado por uma certa rigidez perante as várias situações que o interpelariam na vida. “Ri-se do gesto automático da rigidez de caráter. Ri-se do distraído, que realizando seu trajeto sem perceber o buraco no meio da rua [acaba tropeçando e caindo]” (VERRONE, 2009, p. 10). Ri-se da fisionomia ou das posturas de um corpo com uma característica específica, passando a ideia de existir algo de mecânico, a ponto de tornarem-se algo a ser imitado, pois “[...] uma expressão facial risível será aquela que fará pensar em algo enrijecido, por assim dizer, congelador na mobilidade habitual da fisionomia. Um tique consolidado, uma careta permanente, eis o que veremos ali” (BERGSON, 2018, p. 46-47). Deve-se ainda salientar que os termos “automatismo”, “mecanização” e “rigidez” para Bergson são dissociados do que é propriamente humano. São associados a máquinas e a objetos inanimados, que não possuem a dinamicidade, a qual somente o humano tem para se relacionar, o que lhe permite adaptar-se adequadamente às circunstâncias que o rodeiam. Desse modo, automatismo, mecanização e rigidez tornam-se termos-chave para compreender a geração do cômico no homem que se enrijeceu e ligou o automático como se fosse uma máquina por assim dizer.

repressão material, uma vez que ela não é atingida materialmente. Ela se vê em presença de algo que a preocupa, mas apenas enquanto sintoma – quase uma ameaça, no máximo um gesto. Será, portanto, com um simples gesto que ela responderá. O riso deve ser algo desse gênero, uma espécie de gesto social. (BERGSON, 2018, p. 44-45, grifo nosso).

Então, pode-se dizer que esses três motivos, que despertam o riso do social, têm por objetivo corrigir aquele que se desvincula do próprio social, ignorando o mesmo, chegando a “[...] *enrijecer [-se] contra a vida social*. É cômica a personagem que segue automaticamente seu caminho sem se preocupar com os demais. O riso está aí para corrigir sua distração e para tirá-la de seu sonho” (BERGSON, 2018, p. 96). Aqui, Bergson apresenta que o riso possui, então, uma função social que diz respeito a uma tentativa de correção do automatismo, que leva à insociabilidade, da qual podem nascer características que ameaçam a convivência pacífica e a ordem social.

Caso haja divergência, isto é, inadaptação às regras, o riso entraria em ação para acordar o homem da sua insociabilidade, isto é, de sua inadequação para integrar-se à convivência pacífica e padronizada que a sociedade espera de cada um. [...] Na obra *O riso*, Bergson mostra que o homem, diante das regras sociais, deve buscar equilíbrio. Isto é, no convívio social o homem deve equilibrar-se quanto a seus desejos e sentimentos e quanto à sua expressão social a fim de não tornar-se alvo do riso, da humilhação. Esta é a utilidade do riso, a saber, manter a sociedade organizada a partir de um ideal de perfeição criado por ela mesma. (SANTOS, 2018, p. 146-147).

E dessa mecanização, que pode deixar o homem desatento para a sociedade e da qual ela o corrige pelo riso, nasce o riso como uma leve ferramenta de correção punitiva, que castigaria os costumes desvaídos que diferem do social (MONTEIRO, 2020, p. 287). Daí surge a ideia de que muitas vezes o humor não pode ser simpático, bondoso, mas, pelo contrário, geraria certo temor de ser alvo dele, pois, assim como deseja Bergson, o riso indica ser uma correção aplicada pelo social.

E é por isso que ela [a sociedade] faz pairar sobre cada um, se não a ameaça de uma correção, ao menos a perspectiva de uma humilhação, que, por ser leve, não é menos temida. Tal deve ser a função do riso. Sempre um pouco humilhante para aquele que é seu objeto, o riso é na verdade uma espécie de trote social. (BERGSON, 2018, p. 96).

Porém, será que o humor teria somente essa função social de correção? Pode-se dizer que Bergson falhou ou acertou em sua definição? Ora, o próprio duplo sentido apresentado

para a mecanização já atesta que o humor não poderia ter somente essa função de correção do social, pois além do humor corrigir o enrijecimento que o homem pode ter contra as normas sociais estabelecidas, ele também o desperta para a correção da mecanização que tenta sobrepor-se ao vivo, deixando o homem sem a dinamicidade exigida pela própria vida. Quanto à segunda questão, pode-se dizer que é compreensível que Bergson aplique o humor como forma de correção pela própria produção do tempo no qual ele estava inserido, pois foi percebendo a intensa força social do humor que Bergson construiu o seu discurso na obra *O Riso*⁶.

Da constatação feita por Bergson de que o riso é sempre humilhante para quem dele é alvo, surge a indagação se o humor deveria exercer tal correção de uma maneira solidária com a pessoa do outro ou seria realmente sempre humilhante? Enfim, agora, é o momento de investigar se existe alguma relação entre humor e tristeza ou se um exclui o outro, para, depois, questionar se existe alguma responsabilidade do humor em relação à pessoa do outro e qual seria a sua principal contribuição para com o social, além da correção já apontada por Bergson.

3 A CORRELAÇÃO ENTRE O HUMOR E A TRISTEZA

Parece que alegria e tristeza se excluem, de modo que quando uma existe a outra não está presente. Rir ou chorar, alegria ou tristeza, realmente existe um que seja melhor que o outro? Qual é mais conveniente? O riso e o choro serviram para caracterizar opostamente os filósofos Demócrito⁷ (460-377 a. C) e Heráclito⁸ (540-470 a. C), por exemplo, sendo

⁶ No clima intelectual da época de Bergson, o riso, a comicidade, a ironia, etc. eram temas de muito interesse por parte da comunidade intelectual. Antes de Bergson, já havia autores que a seu modo abordaram o tema como Hegel, que repudiou a ironia; Kierkegaard, que atribuiu um valor positivo ao humor ao interpretar a ironia no sentido socrático; Schopenhauer, que apesar de defender uma visão de mundo pessimista, demonstrou grande interesse pelo riso; e Nietzsche, que acreditava que o riso era um remédio contra a vida dura (MONTEIRO, 2020, p. 294). Além de ser precedido por esses autores, a investigação do riso de Bergson vem à luz em meio a uma polêmica. “Na segunda metade do século XIX, além de filósofos, muitos autores demonstram interesse pelo tema. Teorias afloram de todos os campos do conhecimento: psicologia, sociologia, fisiologia. Em comum, essas interpretações acerca do riso e do cômico teriam a influência do positivismo da época, lidando com a questão a partir de uma perspectiva por vezes demasiado cientificista, psicofisiológica. Daí Bergson buscar uma interpretação alternativa do riso como um gesto social” (MONTEIRO, 2020, p. 295), percebendo que ele possui um forte componente social e foi por esse viés de interpretação que o autor restringiu a comicidade em sua obra *O riso* (MONTEIRO, 2020, p. 295-296).

⁷ Demócrito nasceu em Abdera por volta de 460 a. C e morreu idoso por volta de 377 a. C. Ele foi discípulo de Leucipo (REALE, 2003, p. 44).

⁸ Viveu em Éfeso, entre os séculos VI e V a. C., e possuía um caráter desencontrado e temperamento esquivo e desdenhoso (REALE, 2003, p. 22).

respectivamente conhecidos como o “filosofo que ri” e o “filósofo que chora”. “Demócrito, o amigo do riso, e Heráclito, o chorão. Ou seja, duas visões opostas do mundo, duas concepções fundamentais do ser: derrisório ou sério?” (MINOIS, 2003, p. 41).

Montaigne⁹, por exemplo, escolhe o primeiro filósofo e, por conseguinte, o rir, por ser mais agradável rir do que chorar e por não se mostrar fã da tristeza, pois “[...] não gosta de tristeza: ‘Eu sou isento dessa paixão, não a amo nem a estimo’, diz-nos ele desde o segundo capítulo de seus Ensaios” (MINOIS, 2003, p. 196).

O sábio perigordino é um espectador divertido da comédia humana. Ele ri de nossos pretensos saberes: ‘Nossas loucuras não me fazem rir, são nossas sapiências’. O mais cômico é o próprio homem e suas pretensões; sua preferência também vai mais para Demócrito que para Heráclito, a quem consagrou todo um capítulo: ‘Demócrito e Heráclito foram dois filósofos, dos quais o primeiro, julgando vã e ridícula a condição humana, só saía em público com o rosto zombeteiro e rindo; Heráclito, tendo piedade e compaixão dessa mesma condição, mostrava o rosto continuamente triste e os olhos cheios de lágrimas. ... Eu prefiro o primeiro tipo de humor; não porque seja mais agradável rir que chorar, mas porque ele é mais desdenhoso e nos condena mais que o segundo; e me parece que nunca podemos ser tão desprezíveis quanto merecemos. ... Nossa própria condição é tão ridícula quanto risível’. (MINOIS, 2003, p. 196).

Nota-se também que Montaigne prefere o riso por ser mais desdenhoso e por mais condenar o homem a respeito de suas más ações. O riso de Demócrito não é expressão de loucura, de falta de pensamento ou de irreflexão, que riria de qualquer coisa. É pelo riso que Demócrito denuncia as insensatezes dos homens que tomam os vícios como se fossem virtudes. “Se os homens fizessem as coisas prudentemente, (...) me poupariam o riso. [...] Eis o que me dá matéria de riso. Ó homens insensatos, vocês são bem punidos de sua loucura, avarice, insaciabilidade, (...) e [de] faze[rem] do vício virtude” (ALBERTI, 2011, p. 76).

Assim, o riso de Demócrito expressa algo agradável, como observou Montaigne, mas, além disso, expressa principalmente uma denúncia, que corresponderia ao que poderia se chamar de humor crítico, a mais bela expressão do humor como se abordará mais adiante.

Não é do trágico nem do belo que Demócrito ri, e sim da insensatez humana de não levar uma vida certa e tranqüila, ajustada ao que se é e ao que a

⁹ O filósofo, político, escritor, jurista, cético e humanista francês, Michel Eyquem de Montaigne, nasceu no dia 28 de fevereiro de 1533, e é considerado o inventor do ensaio pessoal (O LIVRO, 2016a, p. 108-109). Ele procurou em seu pensar questionar o que está certo ou errado na conduta humana e pensou que todos os homens devem ser respeitados, indiferentemente de quem seja. Publicou o primeiro volume de sua obra prima os *Ensaios* (onde ele aborda uma variedade de temas) em 1580 e escreve mais dois volumes antes de morrer em 1592.

natureza nos dá. Nesse sentido, diz ainda Demócrito, os animais se contentam melhor nos limites da suficiência, pois não há leão que esconda ouro na terra, ou leopardo que tenha sido louco. Ao contrário, diz o filósofo: o javali tem sede, mas lhe apetece apenas a água; o lobo, tendo comido o necessário, não quer mais nada; mas o homem nunca sacia seu apetite. (ALBERTI, 2011, p. 76).

Então, rir é mais agradável que o chorar. Além disso, o riso expressaria algo que a posição de chorar e entristecer com a realidade não seria capaz de fazer: denunciar e tentar modificar a mesma realidade inspiradora de tristeza. Por meio do riso Demócrito mostrou que o homem movido por suas paixões desmedidas deixa de ser superior aos animais, na medida em que estes, movidos pelo próprio instinto, abundam a sensatez (ALBERTI, 2011, p. 77).

Mas esses argumentos, apesar de sólidos, não são suficientes para demonstrar que o riso excluiria o chorar ou que o humor excluiria a tristeza. Muitas vezes, não se dá conta como o sentimento de tristeza está presente no humor. Parece algo antagônico, como pode haver tristeza no humor?

Por exemplo, esses dois aspectos encontram-se presentes nos traços de uma figura muito comum: o palhaço¹⁰. Às vezes, enxerga-se somente os traços alegres do palhaço, esquecendo-se dos traços tristes que ele também possui. Em seu tradicional semblante com uma maquiagem branca, nariz vermelho, lábios alargados e sobrancelhas caídas, o palhaço é um personagem universal que une o rir e o chorar, o cômico e o trágico, a alegria e a tristeza. “A arte do palhaço vai muito além do que se pensa. Ele não é nem trágico nem cômico. Ele é o espelho cômico da tragédia e o espelho trágico da comédia” (ANDRE SUARES *apud* TAILLE, 2014, p. 20).

Tais características da alegria e da tristeza presentes no palhaço poderiam explicar o fato de algumas crianças terem medo dessa figura tida como carismática pelo público, pois o seu lado triste pode despertar a compaixão das crianças. Exemplificando, do que normalmente as pessoas riem no palhaço? De suas ações que, embora possam demonstrar habilidades raras, retratam quase sempre as suas trapalhadas, quedas, bofetões, tintas derramadas etc., enfim, características que sublinham o seu caráter desastrado (TAILLE, 2014, p. 19). A sensibilidade

¹⁰ Na obra intitulada *Humor e tristeza: o direito de rir* o professor especialista em Psicologia Moral, Yves de La Taille, irá identificar, além da figura do palhaço, outros indícios que unem as características do humor a tristeza ou da alegria e o choro como: obras humorísticas que unem tanto a alegria como a tristeza, criadores de humor que sabem tanto fazer rir quanto chorar, os humoristas que possuem semblantes que naturalmente inspiram tanto o riso quanto o choro e uma análise sobre a vida de alguns humoristas e criadores de humor onde contrastam as realidades de alegria e tristeza (TAILLE, 2014, p. 17-48). O presente texto se limitou somente no exemplo do palhaço por ele ser um personagem universal que une tanto a realidade alegre quanto a realidade triste (TAILLE, 2014, p. 18).

da criança pode enxergar o palhaço como sendo uma figura triste, pois vendo as pessoas rirem de suas desgraças, elas podem se solidarizarem com a tristeza que ele supostamente sentiria ao ser alvo do riso. Assim, não houve na criança a *insensibilidade momentânea* dos sentimentos, já destacada por Bergson, o que a levou enxergar somente o lado triste do palhaço.

O lado triste poderia ser visto por qualquer um que pelo palhaço se solidarizasse, pois é na arte do palhaço, a qual não é nem puramente trágica nem puramente cômico, que essas duas dimensões se encontram (TAILLE, 2014, p. 118). Tal fato prova que “[...] além de humor ir muito além do que se pensa, pode-se dizer que ele é o *espelho da tristeza*” (TAILLE, 2014, p. 20), pois a sua existência não excluiria o dado da tristeza. Alegria e tristeza fazem parte do humor. O que não pode acontecer é que a existência de uma elimine a outra, ambas são importantes no movimento da vida. Somente tristeza, não há o gozo ou alegria de viver; somente alegria, há o sujeito iludido; ambas são necessárias para que o humor tenha o “pé no chão”. “Em resumo, parece que humor e tristeza não somente podem caminhar juntos como representam um bom casamento. Contrariamente ao que se poderia pensar, fazer rir não implica não fazer chorar” (TAILLE, 2014, p. 27).

A respeito da intrínseca relação entre o humor e a tristeza, pode-se notar um incrível poder do humor: “ele transmuta a tristeza em alegria” (COMTE-SPONVILLE, 2016, p. 234). O time do coração tomou uma goleada diante do maior rival jogando em casa. A mulher reclama para o marido que ele não gosta de sua família. A mãe “puxa as orelhas” do filho por ao invés de procurar emprego, está lendo o jornal na seção de horóscopo. Tomou a quinta bomba consecutiva no exame de legislação para conseguir a habilitação... nesses exemplos, o que fazer? Chorar, se lamentar, reforçando ainda mais o peso da tristeza ou de alguma forma consolar-se do que deu errado, utilizando essas situações desfavoráveis para se alegrar? A decisão é sempre pessoal, depende de cada um, mas, nesses casos, parece que vale mais rir do que chorar.

Ao brasileiro, por exemplo, a primeira opção é pela maioria rejeitada, pois alguns “[...] reagem com dramaticidade, tragédia e muito sangue – ocorreu-nos reagir com o riso” (GOMES, 1944, p. 6). Assim, o brasileiro poderia responder aos exemplos acima: no próximo confronto o meu time se superará, mostrará que é possível perder de mais gols ainda jogando fora. Que isso amor, não odeio a sua família, aliás, gosto muito mais da sua sogra do que da minha. Ora, mãe, quero ver quais são as minhas chances de conseguir um emprego primeiro. No próximo exame de legislação estarei mais perto de ser “hexa” que a seleção brasileira.

Desse modo, ao invés de acrescentar mais tristeza e dor em torno de uma realidade, ao bem humorado, convém dela brincar para aliviar a vida, pois aceita, “nem que seja para rir, a realidade tal como é, tal como permanece” (COMTE-SPONVILLE, 2016, p. 235). Diante da realidade que inspira tristeza, vale-se da elaboração do humor para alivia-la, não para negá-la ou solucioná-la. “O humor frequentemente fala da tristeza, suspende momentaneamente seu efeito desolador, mas não a suprime. O *humor é uma elaboração, não uma solução*, até mesmo para quem o cria” (TAILLE, 2014, p. 121).

Do que foi dito, decorre que as realidades da alegria e da tristeza não se excluem, mas se encontram correlacionadas no humor. Rir ou chorar? “Eu diria antes que ela nos constitui, nos permeia, riso ou lágrimas, riso e lágrimas, que nós oscilamos entre esses dois pólos, uns pendendo mais para isso, outros mais para aquilo...” (COMTE-SPONVILLE, 2016, p. 231). Como dito, alegria e tristeza estão correlacionadas, podendo, claro, um indivíduo pender mais para uma que para outra¹¹, mas nunca negando uma delas, pois a vida não é só alegria, nem somente tristeza.

Porém, e a tragédia? Poderia o humor rir de temas trágicos da humanidade ou mesmo aliviar essa realidade tirando dela o seu lado trágico? Pode-se rir dos defeitos que inspiram repúdio como o racismo, a homofobia, a intolerância, etc.? Enfim, o humor possui limite ou pode-se rir e fazer piada de tudo e de todos em todos os momentos? Agora, visto que tristeza e alegria estão correlacionadas, é momento de ver se o humor é sempre humilhante para quem dele é alvo, como ressalta Bergson, rindo até mesmo das tragédias e da pessoa do outro. É hora de questionar sobre a responsabilidade do humor. Ela existe ou ele é descompromissado?

4 HÁ LIMITES PARA O HUMOR?

A primeira hipótese no início das pesquisas do presente texto era a de que para o humor não era possível esboçar um limite, podendo ele brincar com tudo. Brincar de um homem que cai na rua, de uma piada feita de determinada situação, de uma piada corriqueira contada por amigos uns dos outros, de situações consideradas tristes como se viu anteriormente, etc., ou seja, como o humor conseguiria abordar qualquer tema, nada escaparia

¹¹ É necessário equilíbrio na relação alegria e tristeza, pois um período prolongado de demasiada tristeza, de exaltação demasiada ou de ambas são indícios de um transtorno de humor. Tal transtorno pode ocorrer em todas as idades até com crianças e adolescentes e existe tratamento específico para tal transtorno.

de suas lentes, então, ele não possuiria limite algum. Porém, sem muito aprofundamento nas pesquisas, tal hipótese se mostrou insustentável.

Não há dúvida de que o humor seja importante, tão importante que o filósofo francês André Comte-Sponville¹² o elegeu como uma virtude de grande valia ao homem em seu livro *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*¹³. O humor seria uma forma de preservar o homem de toda seriedade excessiva em relação a si mesmo e ao que se é.

Para o filósofo citado, a virtude pode ter dois sentidos: o geral e o particular. O sentido geral é que as virtudes são independentes do uso que delas se fazem, sendo, desse modo, a virtude de um ser “[...] o que constitui seu valor, em outras palavras, sua excelência própria: a boa faca é a que corta bem, o bom remédio é o que cura bem, o bom veneno é o que mata bem ...” (COMTE-SPONVILLE, 2016, p. 8). Assim, por exemplo, a virtude de uma faca não seria medida pelo uso que dela se faz, podendo ser virtuosa tanto a faca que é usada por um açougueiro ou cozinheiro, quanto a que é usada por um assassino, pois a virtude de ambas seria o poder de cortar bem. A virtude seria esse poder, no caso o de cortar bem, e o poder bastaria a ela (COMTE-SPONVILLE, 2016, p. 8).

“Mas essa normativa permanece objetiva e moralmente indiferente. À faca basta cumprir sua função, sem julgar, e é nisso, [...] que sua virtude não é a nossa. Uma faca na mão de um homem mau não é menos excelente por isso” (COMTE-SPONVILLE, 2016, p. 8). Por isso, a virtude no sentido particular seria a virtude do homem, que é, pois, o que o faz mais humano, que o faz ser e usar as suas capacidades para agir mais humanamente, ou seja, agir bem, transformando sempre os valores morais em ação, pois a virtude é o bem que “não é para se contemplar, é para se fazer” (COMTE-SPONVILLE, 2016, p. 9). Desse modo, elas, as virtudes, são as disposições de coração, natureza ou caráter cuja presença num indivíduo aumenta a sua estima moral e sua ausência a diminui (COMTE-SPONVILLE, 2016, p. 9).

Como poderia o humor, uma virtude propriamente humana¹⁴, ser descompromissado com o uso que dele se faz? Como poderia abordar todos os assuntos por mais “espinhosos” que sejam sem se importar com o dano que irá causar? Em suma, o humor deve trazer o divertimento, a alegria, não ser uma arma que machuca, que atiraria para todo e qualquer lado

¹² Filósofo que nasceu em 1944 na cidade de Paris e ainda se encontra, na atualidade, em intensa produção filosófica.

¹³ No livro são abordadas ao todo 18 virtudes, sendo a virtude do humor a décima sétima, virtude que será abordada no presente texto.

¹⁴ Para Bergson o humor é um dado antropológico, pois o homem não é só o único animal que ri, mas é também o único animal que provoca o riso (BERGSON, 2018, p. 38) e isso leva a constatação de que o humor faz parte da própria realidade e da própria identidade humana.

tendo a consciência ingênua de que não feriria ninguém. O humor aqui se enquadra, então, na virtude particular por ser algo propriamente humano, o que já acabou de eliminar a primeira hipótese citada, pois o humor não pode ser moralmente indiferente e objetivo, podendo ser usado de qualquer jeito como uma faca.

No início do texto, pode-se dizer que Sponville destaca duas características importantes do humor: primeiramente que o humor é louvável por que preservaria a humanidade de toda seriedade no que referiria a si mesmo, além de sentir o enorme prazer que ele provoca.

Não ter humor é não ter humildade, é não ter lucidez, é não ter leveza, é ser demasiado cheio de si, é ser demasiado severo ou demasiado agressivo, é quase sempre carecer, com isso, de generosidade, de doçura, de misericórdia... O excesso de seriedade, mesmo na virtude, tem algo de suspeito e de inquietante: deve haver alguma ilusão ou algum fanatismo nisso... É virtude que se acredita e que, por isso, carece de virtude. (COMTE-SPONVILLE, 2016, p. 229).

Mas, é necessário não exagerar com essa definição, isso por que às vezes o humor de uma pessoa não é o suficiente para defini-la. Por exemplo, um canalha pode ser bem-humorado, enquanto um herói pode ser sério. Assim, algumas vezes, o humor de uma pessoa não define a característica moral de uma pessoa (MARTINS; MESSIAS, 2019, p. 23).

A segunda característica é que a responsabilidade com o outro não é esquecida pelo humor. Ou seja, mesmo que o humor preserve o homem da demasiada seriedade com relação a si próprio, isso não implica uma não responsabilidade ao brincar com relação a pessoa do outro. “Isso não impede a seriedade, no que diz respeito a outrem, nossas obrigações para com ele, nossos compromissos, nossas responsabilidades, até mesmo no que diz respeito à condução de nossa existência” (COMTE-SPONVILLE, 2016, p. 230).

Daí o motivo de que para Sponville o humor não pode rir do trágico. O humor não é totalmente insensível diante de tal situação. “Tudo o que não é trágico é irrisório. Eis o que a lucidez ensina. E o humor acrescenta, num sorriso, que não é trágico... Verdade do humor. A situação é desesperadora, mas não é grave” (COMTE-SPONVILLE, 2016, p. 230).

Aqui trágico deve ser entendido não conforme a arte dramática da tragédia, mas em relação com à vida em geral, ou ao palco do mundo, onde se trata das ações e dos problemas humanos de natureza graves, dolorosos ou até penosos por vezes (ABBAGNANO, 2007, p. 968). Diante do trágico o homem fica sério, muitos até julgam que não têm como fazer

humor. O humor realmente não pode rir da tragédia ou de temas considerados graves pela sociedade?

O humor pode rir de tudo, sim, porém, tal riso não deve ser feito de qualquer maneira e existe algumas situações em que o riso nem deve aparecer, pois existe uma razoável diferença entre quem ri em situações prazerosas, fruto de alguma boa notícia ou sucesso pessoal, onde nenhum sentimento negativo está presente, e quem ri das desgraças alheiras, o que revela no mínimo uma mistura de alegria e raiva ou desprezo (TAILLE, 2014, p. 16).

É ingênuo achar que humor e temas considerados trágicos se excluem, isso não acontece, pois a crueldade pode ser apresentada de forma humorística (TAILLER, 2014, p. 33), desde que a piada ou brincadeira não tenha por objetivo rir da tristeza ou até mesmo reforçar a crueldade. O humor não é cruel, mas pode abordar temas tidos como dramáticos ou trágicos, como a morte, a falta de amor, insensibilidade, etc., daí a expressão de chamá-lo de humor negro ou humor de humilhação, que podem ser compreendidos por meio de três sentidos diferentes: é necessário saber se ele vale do trágico como mero acaso; se ele *ri cruelmente do mundo*, onde pode ser aplicado a expressão “rir do chorar”; ou se ele *ri de um mundo cruel*, onde pode ser definido pela expressão de que é melhor “rir para não chorar” (TAILLE, 2014, p. 28-35).

De início três piadas:

“Poxa vida, realmente os mortos é que tem sorte, pois somente veem seus familiares uma vez por ano, no dia de finados” (TAILLER, 2014, p. 33). Outra “piada”¹⁵, “hei, gata, o que irá fazer sábado à noite?” “Pretendo me suicidar”, responde a moça. “E sexta à noite, então, já marcou algo?” (TAILLER, 2014, p. 31). A última piada, “Sabe quem é a melhor mulher do mundo?” Pergunta Lucas. Seu compadre Jorge responde: “Ah, homem romântico, é a comadre, né?” Responde Lucas: “Não, ando desconfiado que ela não gosta mais de mim, fiquei doente semana passada e ela escreveu uma carta chamando a ambulância para me socorrer” (TAILLER, 2014, p. 34).

A primeira piada não possui objetivo de reforçar o rir da morte, mas foca nas relações familiares que é apresentada de forma negativa. Assim, um evento triste pode ser usado como pretexto para se fazer piada, sem ter a intenção de focar em determinado evento, mas em algum outro assunto, como foi o caso de tal piada que denunciou a frieza das relações familiares de hoje. Em tal situação o humor possui o direito de rir e de fazer brincadeiras, pois

¹⁵ Utilização das aspas para deixar a critério do leitor se considerará engraçado ou não tal piada, pois ela expressará uma forma de riso cruel da realidade: “faço assim cada vez que uma história não me parece de bom gosto” (TAILLER, 2014, p. 30), pois nela o lado triste ou até mesmo trágico é negado.

o foco não está na situação trágica, ela é apenas um mero acaso, o humor vale-se dela para apontar outros defeitos humanos.

Na segunda “piada” fica explícito o desprezo e a desvalorização da pessoa. É uma forma da crueldade se sobressair sobre a tristeza ou sobre a tragédia, negando, assim, a própria tristeza que uma determinada situação deveria gerar. No caso, a referida “piada” ignorou a dor do suicídio que a moça expressou e o desrespeito com a vida, pois o que importava era arrumar um encontro “custe o que custar”. A “piada” foi totalmente insensível a tristeza e, em tais casos, fica explícito o não direito de rir e a sua classificação de um riso cruel, o qual não merece ser chamado de humor, uma vez que é negada a correlação do humor com a tristeza.

Esse é um exemplo de “piada” onde se *ri cruelmente do mundo* e que ri insensivelmente de algo que deveria inspirar o chorar. Aqui, se riu do chorar. Pode encaixar-se neste riso todas as “piadas” ou as chamadas “brincadeiras”¹⁶ de cunho preconceituoso dirigidas a alguns grupos específicos da sociedade tidos como marginalizados, tais como os negros, gays, estrangeiros, etc, de alguns grupos esquecidos como os idosos, os doentes, etc. Qualquer “piada” ou “brincadeira” de tal caráter é indigna de ser chamada de humor, pois ele jamais *ri cruelmente do mundo*.

Já na terceira piada há uma crítica, não um desprezo. Ela mostra um evento triste apresentado de forma humorística. O evento triste não é negado, mas assumido para se fazer humor, por isso, pode-se dizer que a essa piada se aplica o adágio é melhor “rir do que chorar”. O humor consola os defeitos que a humanidade apresenta, como no caso, o riso expressou a crítica do marido ao desamor e despreocupação expressos pela mulher. Nesse caso, é válido o direito de rir, pois a tristeza é assumida e visa rir dos defeitos do mundo, ou seja, *ri-se de um mundo cruel*, denunciando a sua maldade não por meio de protestos, violências, mas por meio do riso.

Acabamos de notar que o que se chama de humor negro, embora sempre tenha como tema algo triste, dramático ou trágico, traduz em pelos menos três formas esse tema. A primeira: trazer um evento triste como pretexto para zombar de algo que lhe é estranho. A segunda: remeter-se a um evento triste, mas negando-lhe justamente a tristeza que deveria inspirar. Nesse caso, *ri-se*

¹⁶ Utilização das aspas para expressar o mesmo que a palavra “piada”, entre aspas, ou seja, para ficar a critério do leitor considerar se tal piada ou brincadeira deva ser considerado como tal. Porém, vale reforçar que isso não significa um não posicionamento do presente trabalho, que considera tais “piadas” ou “brincadeira” sem graça e que deveria não ser praticada, por que elas podem servir para reforçar ou garantir que certas formas de preconceitos ainda perdurem. Tais “piadas” ou “brincadeira” são uma distorção do humor e não podem ser chamadas de humor, pois *riem cruelmente do mundo*.

cruelmente do mundo. A terceira: apresentar um evento triste de forma humorística que não aniquila a tristeza, mas antes a sublinha. Nesse último caso, *ri-se de um mundo cruel*. Portanto, nas três formas, a relação entre humor e tristeza apresenta-se diferentemente. Na primeira, ela é mero acaso. Na segunda, ela é negada. Na terceira, ela é assumida. (TAILLER, 2014, p. 34).

Para clarear ainda mais o direito de rir em tais situações onde o trágico está presente. O direito de rir ou não poderia ser determinado ainda pela simples pergunta: o que o riso ou a brincadeira acrescentaria diante de tal tema ou de tal situação trágica, seja ela qual for? O que acrescentaria a realidade? Mais dor e tristeza ou de alguma forma um pouco de alegria, alívio ou leveza? No primeiro caso, o humor não pode ser tão frio, então, não se deve rir ou brincar, senão estaria rindo *cruelmente do mundo*. O humor sempre deve trazer um pouco mais de alegria, o que valida o rir ou o brincar do segundo modo, pois nele o tema da tristeza seria um acaso ou senão a tomaria para *rir de um mundo cruel*, o que não significa concordar com sua crueldade, mas escancará-la diante de si mesmo.

Em suma, penso que *nós temos, sim, o direito de fazer rir e de rir de tragédias, contanto que o aspecto trágico não seja banalizado ou esquecido*. Não temos direito de rir cruelmente das tragédias e de suas vítimas, mas temos o direito de fazer rir e rir de um mundo cruel, contanto que a dimensão atroz da tragédia escolhida permaneça presente, como o fizeram Benigni e Chaplin [, por exemplo, nos filmes *A vida é bela* e *O grande ditador*¹⁷]. (TAILLER, 2014, p. 158).

Porém, há situações em que o humor, o riso ou até mesmo as brincadeiras devem ser contidos ou até evitados. Duas situações de exemplo, a primeira é “o riso despertado por algum sucesso pessoal que implique a derrota de outrem” (TAILLER, 2014, p. 158). Sua constatação fica mais evidente quando observado em esportes individuais, onde a vitória de um implica necessariamente a derrota do outro. Muitas vezes, mesmo que quem ganhe esteja transbordando de felicidade e alegria, no momento da vitória e diante do adversário, essa euforia é controlada em sinal de respeito ao outro. “Podemos dizer que ele tinha socialmente o

¹⁷ Ambos os filmes, *A vida é bela* (1997) e *O grande ditador* (1940), não *riem cruelmente* da realidade trágica, mas expõe por meio do humor a realidade trágica, não negando-a. O primeiro filme passa-se em um campo de concentração nazista durante a Segunda Guerra Mundial, mostrando a história de um pai, Guido, que faz de tudo, até brincadeiras, para que seu filho, o pequeno Giosué, não se dê conta do horror que os cerca, assim, o pai brinca com o filho fazendo humor e convencendo-o de que tudo à sua volta não passa de uma grande brincadeira. Já o segundo filme se passa durante o contexto de guerra e perseguição ao povo judeu, mostrando críticas explícitas contra a ditadura, o nazismo, o fascismo e a opressão, realidades que deixavam a humanidade fria demais. Nesse filme Charles Chaplin denuncia essas realidades com cenas cômicas com a leveza do humor. Em ambos os filmes o humor não é desumano, não *ri cruelmente*, pois não esquece do dado trágico que circunda a realidade.

direito de rir, mas ele não considerou que, pessoalmente, tivesse tal direito. Ele demonstrou sensibilidade moral” (TAILLER, 2014, p. 158).

A segunda situação é que “socialmente, considera-se como totalmente inadequado dar mostras de bom humor num ambiente que está envolto pela tristeza em razão de algum acontecimento (a morte de alguém, por exemplo)” (TAILLER, 2014, p. 158-159). Como dito, no humor não pode existir total frieza e total falta de compaixão, seja pelo outro ou pela realidade considerada trágica, senão estaria *rindo cruelmente do mundo*. Em tal situação o direito de rir é negado, pois, diante da dor alheia, pode ser interpretado como falta de consideração pelos sentimentos dos outros. O humor não é totalmente insensível.

Em suma, no caso da primeira exceção, não há negação do direito de rir, mas problematização deste se houver empatia e sensibilidade moral; no caso da segunda exceção, há, sim, negação social do direito de rir, a qual me parece, aliás, perfeitamente aceitável em nome deste imperativo moral que é o respeito pelos sentimentos alheios. Nada de polêmico, portanto, pelo menos para quem tem senso e sensibilidade morais. (TAILLER, 2014, p. 159).

Esses dois exemplos deixam claros que a dor do riso pode ser diminuída, ou seja, mesmo ele tendo um peso de ser sempre humilhante para quem dele é alvo, como ressaltou Bergson, esse peso pode ser diminuído pela sensibilidade moral daquele que brinca ou faz piadas, pois um humor deve trazer sempre um pouco de alegria e amor em suas risadas.

Ainda, Sponville diferencia ironia¹⁸ de humor. Ela é comparada a uma arma, pois está sempre apontada para o outro com a intenção de machucá-lo, assim, ela não seria uma virtude, por que mesmo sendo útil, quando necessário, não se pode esquecer que ela é uma arma e, como tal, não poderia trazer a paz. Ela é, então, “um riso que se leva a sério, é um riso que zomba, mas não de si, é um riso, e a expressão é bem reveladora, que *goza da cara dos outros*” (COMTE-SPONVILLE, 2016, p. 230). Portanto, a ironia machuca, o humor cura; a ironia rebaixaria quem fosse dela alvo humilhando-o, o humor brincaria; a ironia riria *contra* o outro, o humor *com* o outro (COMTE-SPONVILLE, 2016, p. 235).

Nesse caso, a ironia poderia ser tomada como sendo o riso negativo descrito até aqui, ou seja, o riso que não tem nada de alegre a acrescentar e isso deve ser evitado, pois o humor assim como ele não se confunde com a ironia, no sentido dado a ela por Sponville, também

¹⁸ O autor não se refere a ironia filosófica ou socrática, onde Sócrates vale-se dela para mostrar a ignorância daqueles que se achavam donos da verdade (ABBAGNANO, 2007, p. 585), mas a toma no sentido da zombaria, do sarcasmo, a qual é utilizada para ofender o outro.

não se confundiria com essas formas de “risos”, “piadas”, “brincadeiras” que *riem cruelmente do mundo*, rindo de algo que deveria inspirar o choro e a dor.

Desse modo, realmente não existe humor que tome a realidade trágica para reforçá-la. O mesmo vale para os temas considerados “tabus” pela sociedade, o humor não dá continuidade à preconceitos e perversidades. Isso seria *rir cruelmente do mundo*, o humor não pode ser alheio às perversidades presentes, nem ser usado para reforçá-las. Por isso, ele, *rindo de um mundo cruel*, pode escancarar essas perversidades, tornando-as visíveis.

O humor tem muito a dizer a quem sabe apreciá-lo e faz uma boa brincadeira, que seja respeitosa com a pessoa do outro, pois a partir do momento em que a pessoa do outro for ferida, já não é mais humor, mais um “brincar” cruel que machuca. O limite do humor mostra-se, então, com o respeito à pessoa do outro, pois o humor não pode ter total insensibilidade a respeito do outro. Acrescentar mais ódio, desprezo ou sofrimento, não é a função do humor, uma vez que com o seu riso respeitoso ele acrescenta mais leveza, alegria e doçura às misérias do mundo. Quanto mais respeitoso, mais cristalino será o humor.

Podemos gracejar sobre tudo: sobre o fracasso, sobre a guerra, sobre a morte, sobre o amor, sobre a doença, sobre a tortura... Mas é preciso que esse riso acrescente um pouco de alegria, um pouco de doçura ou de leveza à miséria do mundo, e não mais ódio sofrimento ou desprezo. Podemos rir de tudo, mas não de qualquer maneira. Uma piada de judeu nunca será humorística na boca de um anti-semita. O riso não é tudo e não desculpa nada. De resto, tratando-se de males que não podemos impedir ou combater, seria evidentemente condenável contentar-se com gracejar-se. (COMTE-SPONVILLE, 2016, p. 233).

Agora, já que o humor não é alheio a sua função social, como abordou Bergson, é o momento de perscrutar qual seria a contribuição mais elevada que ele pode oferecer para o social, indo aqui além da função de correção descrita pelo referido filósofo.

5 BRINCAR POR BRINCAR OU SER CRÍTICO, EIS A QUESTÃO...

Parece que a função primordial do humor é sobretudo a de simplesmente brincar do que ser crítico, uma vez que ele produz imensa alegria. É bom brincar e sorrir despreziosamente com os amigos em um show de humor, pois distrai e até mesmo alivia a dura rotina diária da pessoa. “A falta de humor nasce do apego às rotinas e esse apego

fortalece a falta de humor. Fazer do rotineiro uma finalidade é dar fim ao humor. [...] Sem destruir a rotina totalmente, dela não falemos mal, convém quebrá-la [...] com a força do humor” (PERISSÉ, 2008, p. 121).

Assim, Roberto Gomes¹⁹, em sua obra *Crítica da Razão Tupiniquim*, observa que nenhum outro povo aprecia tanto o humor quanto o brasileiro, que o traz, poderia ser dito, em seu DNA. Ele possui a reputação de ser alegre e extrovertido, não somente em época de carnaval, quando recebe gente do mundo inteiro que deseja festejar e experimentar essa alegria brasileira.

Não tem como não se alegrar com uma roda de samba do Rio de Janeiro; com uma roda de dança de cateretê, muito apreciado na região sul do país; com a festa do Bumba-meu-Boi, típica da região norte e nordeste do país; com as Festa Juninas que é celebrada em todo país e alegre o mês de junho; com a Festa de Reis, muito celebrada na região do sul de Minas Gerais e em cidades do interior do país, etc.; festas que expressam bem a alegria brasileira e ainda à aliam a religiosidade e à cultura. Ou seja, em todas as regiões do Brasil celebram-se festas que expressam muito bem a diversão contagiante e original da alegria do povo brasileiro, que faz parte da característica nacional intrínseca.

Tem-se a ideia de que o brasileiro, o povo bem humorado, consegue dar risada de tudo, pois se tem uma coisa que ele muito aprecia, essa coisa é a piada, tanto que consegue brincar da própria capacidade espirituosa de fazer piadas.

Há todo um espírito brasileiro que se delicia com a própria agilidade mental, esta capacidade de ver o avesso das coisas revelado numa palavra, frase, fato. Somos, os brasileiros, muito bem-humorados. Conseguimos rir de tudo. Do governo que cai e do governo que sobe. Das instituições que deveriam estar a nosso serviço, dos dirigentes que deveriam representar nossos interesses. E não é só. Chegamos a fazer piadas sobre nossa capacidade de fazer piadas. Nada mais ilustrativo do que a série de piadas onde representantes de outros países são ridicularizados pelo desconcertante ‘jeitinho’ de um brasileiro. Neste plano, seja dito, nos movemos com facilidade gritante. (GOMES, 1994, p. 6).

Roberto Gomes ainda reforça que a existência de uma piada genuinamente brasileira deveria ser objeto de estudo mais aprofundado. Quais são as características que devem defini-las? O que essa postura sempre espirituosa e humorística tem a revelar? Diante das várias adversidades que surgem no decorrer da vida, uns reagem com dramaticidade, outros com a

¹⁹ O filósofo e escritor Roberto Gomes nasceu em Blumenau, Santa Catarina, no dia 08 de outubro de 1944. Ele começou a escrever logo cedo, aos 16 anos (GOMES, 1994, p. 117). É autor de contos, romances, artigos, reportagens, crônicas. Atualmente, aos 77 anos, ele se dedica mais a escrito literário que a filosóficos.

tragédia, outros com guerras. Porém, o brasileiro reage com o riso (GOMES, 1994, p. 6), pois rir, além de ser algo bom, se mostra um excelente, senão o melhor remédio para tudo.

Mas Gomes alerta para um perigo referente ao alegre riso dos brasileiros:

A mesma piada que salva pode mascarar-se em alienação. Como qualquer criação humana, também a piada deve ser essencialmente crítica, já que é de sua pretensão ser isso: uma forma de conhecimento. Ora, quando o riso se perde em pura facilidade, em distração, morre a atitude crítica. E o ‘jeito piadístico’ estará a serviço de nossa inautenticidade. (GOMES, 1994, p. 7).

O riso pode se tornar algo jocoso e alienante. Que triste seria se esse “jeito piadístico” se transformasse somente em uma alienante distração, a qual serviria somente para fugir dos problemas do país. Que exemplo de distração mais desvairada seria rir de um governo corrupto que deixe ou assuma o poder ou rir das instituições públicas e representantes do povo que não cumpre bem o seu papel de representar e beneficiar a população em seus projetos. Isso não deveria inspirar revolta ao invés de risos? Sim, por isso mesmo o brasileiro deve fazer ainda mais piadas, pois, aqui o humor deve assumir a sua função crítica, que vai além da distração.

Por se revelar uma forma de conhecimento, a piada se mostra essencialmente crítica, pois todo conhecimento é crítico. Ser crítico é uma postura própria do humor que, por meio de uma extrovertida piada ou brincadeira, consegue mostrar a realidade em seu entorno, a qual pode, por vezes, inspirar indignação e revolta. “Praticar [, assim,] o humor crítico torna elegante a nossa rebeldia, afina a nossa criatividade” (PERISSÉ, 2008, p. 122), pois brincando, e não brigando, o humor consegue dar voz as essas insatisfações.

[...] o riso como manifestação própria e exclusiva do ser humano aparece em variadas situações e momentos do convívio social, vai além da gargalhada e pode servir, inclusive, de instrumento de denúncia. E, neste mundo de injustiças e dificuldades, rir é uma forma de compensação. (STHIEL, 2021, p. 19).

Explicitar essa postura crítica do humor para o próprio humorista e para sociedade evitaria a errônea compreensão de que ele, o humor, é descompromissado da realidade. Evitaria até mesmo, por exemplo, o fim do mundo descrito por Kierkegaard²⁰ no livro *Ou Isso, ou aquilo* (1843):

²⁰ Sören Aabye Kierkegaard, grande filósofo considerado o pai do existencialismo por sua insistência na liberdade de escolha e pela contínua busca por significação, nasceu na cidade do grande cento da cultura

Em certo teatro, aconteceu ter deflagrado um incêndio nos bastidores. O palhaço veio avisar o público. Pensaram que se tratava de um dito espirituoso e aplaudiram-no; ele repetiu o aviso; rejubilaram ainda mais. Também eu assim penso que o mundo cairá por terra, sob o júbilo geral da gente espirituosa que pensa tratar-se de um *Witz* (chiste). (KIERKEGAARD, 2013, p. 6).

A desconsideram da gravidade do aviso do palhaço que dizia: “Ajudem, o fogo está queimando as cortinas, vai queimar tudo e vocês também”. “Que palhaço bom. Bravo, bravo!”, foi o que a plateia certamente respondia enquanto dava enormes gargalhadas, pensando que a função do palhaço era somente dizer meras gozações que os fizessem rir. Nesse sentido, o humor poderia ser definido como: riso desperto, público feliz e se divertindo, pronto, dia feliz para o palhaço ou para o humorista que cumpriu sua função. Porém, aos olhos do humor crítico, tal roteiro não pode ser seguido à risca, pois nunca se sabe quando a realidade ao entorno pegará fogo, e, caso pegue, o palhaço não deve manter-se indiferente, mas avisar o público por meio do seu riso que “[...] é um antídoto para a melancolia e o desinteresse” (PERISSÉ, 2008, p. 125).

Assim, quem faz humor não deve ser negligente com a realidade, pois, quando for necessário alertar sobre o perigo ou a hipocrisia da mesma, ele pode valer-se da sua ferramenta de trabalho, o humor, para mostrar esses perigos e hipocrisias da injusta sociedade ao redor na esperança de que no meio da plateia alguém tome consciência da seriedade daquilo que é motivo de sua revolta e que ele diz de modo hilário, leve e divertido. O inconformismo e a ingênua ideia de que o humor não contém poder crítico, não deve fazer parte do mundo de quem faz humor. Além disso, a arte cômica pode ser propagadora de valores caros ao social, propagando valores éticos, valores sobre a importância da vida, da amizade, etc. “Viva cada dia como se fosse o último, um dia você acertará”, aconselhará o amigo. Ainda, “O que significa encontrar um amigo verdadeiro?” O homem responde a psicóloga: “significa que você encontrou um excelente psicólogo sem diploma e o melhor é que ele nunca te cobrará nada ao final da consulta”.

dinamarquesa, Copenhague, no ano de 1813 e morreu no dia 11 de novembro de 1855 (O LIVRO, 2016, p. 194-197). Com relação ao tema do humor, o filósofo reflete sobre a ironia socrática em sua dissertação, *O Conceito de Ironia*, de 1841.

Imagem 1 – Charges engraçadas.



Fonte: Studio Pegasus²¹

Imagem 2 – André Félix.



Fonte: Tribuna online²²

Essas duas charges são ótimas para exemplificar que o riso não pode se tornar alienado da realidade ao entorno. A primeira denúncia de modo descontraído a desonestidade dos políticos e a segunda, bem atual, relata o desleixo que a população sofre, onde por um lado, as instituições lutam juntas para acabar com a Covid 19, oferecendo o mínimo ao povo enquanto, por outro lado, a qualidade de vida que seria necessária para uma vida realmente segura e protegida não é garantida.

²¹ **Charges engraçadas.** Disponível em: <http://studiopegasus.blogspot.com/2014/11/charges-engracadas_12.htm
l?spref=pi>. Acesso em: 30 jul. 2021.

²² Tribuna online. **Charge do dia.** Disponível em: <<https://tribunaonline.com.br/coronavirus-e-o-tema-da-charge-do-dia-2>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

Tomando consciência da importante função crítica que o humor presta à sociedade, descobrirá cada vez mais a sua relação com a filosofia e a responsabilidade de que se pode realmente gracejar sobre tudo, mas não de qualquer maneira (COMTE-SPONVILLE, 2016, p. 235). É necessário que o humor, assim como a filosofia, esteja atento à realidade, nunca fora dela, para que provoque reflexões profundas e originais. Assim, como um filósofo é fruto de seu tempo e denuncia aquilo que o incomoda, o humor crítico de igual modo acompanha também a vida real em suas mudanças. Ainda, a sua profunda relação com a realidade em torno pode justificar como o humor assume características bem diferentes de uma localidade para a outra. Por exemplo, o do inglês, um povo mais contido, é mais refinado e sutil, enquanto o do brasileiro, mais expressivo e criativo, é um humor mais lúdico e burlesco.

Desse modo, Roberto Gomes (1994, p. 10-16) auxilia a compreender que cada vez mais o humor não deve ser um tema *sério*, mas sim um tema que seja levado *a sério*. Essa simples mudança aparente, o acréscimo da preposição *a* no segundo caso, opera uma mudança radical no significado de seriedade.

Ao dizer que Adney é um homem *sério*, expressa a ideia de que ele é um indivíduo que preza pela seriedade aparente, de um formalismo pedante e que ele é uma pessoa incapaz de desobedecer às normas sociais. “Seria incapaz de ‘sair da linha. Dele não se esperam coisas que fujam ao normal estatístico. [...] é um homem respeitador e respeitável” (GOMES, 1994, p. 10). Contudo, dizer que Adney leva *a sério* o seu trabalho, implica uma mudança de significado, onde não mais as aparências são valorizadas, mas a dimensão interna da seriedade. *A sério* exprime a ideia de que Adney doa o melhor de si para a realização do seu trabalho, sem suas ações ter o interesse de receber aprovação do social como o sujeito *sério* faz. “*A sério*, revigora o mundo com uma quantidade imensa de significações. *Sério*, reduzo-me a objeto morto, caricato, de existir centrado no externo” (GOMES, 1994, p. 11).

A crítica de Roberto Gomes gira em torno de que no ambiente intelectual brasileiro triunfa o homem *sério*, querendo sempre construir uma razão que é dependente da aprovação de outros, ou seja, uma razão meramente ornamental²³. Por tal dependência, não existiria uma filosofia brasileira,

²³ Razão Ornamental é um conceito utilizado por Roberto Gomes (1994, p. 69-81) na obra *Crítica da Razão Tupiniquim* e expressa a razão que se encanta em ser elogiado pelo outro por causa de seu brilho. Esse outro, pelo qual o intelectual brasileiro deseja aprovação e reconhecimento seria principalmente o Europeu, no qual o brasileiro mergulha em busca do seu conhecimento, esquecendo-se da realidade brasileira que o circunda. Então, para ter esse reconhecimento, seu pensamento torna desconexo com a realidade brasileira, construindo um pensamento que não é original nem toca a realidade, pois não passa de uma Razão Ornamental que perde toda a criticidade. “A primeira tarefa na existência é chegarmos a ser o que somos, fazendo de si o que se visa ser, partindo de nossa posição. Depois, seremos reconhecidos - se formos reconhecidos. Sem isso, a interiorização necessária ao surgir da Filosofia jamais ocorrerá entre-nós e a Filosofia continuará sendo apenas aquela tia distante que veio e foi ficando. E a possível Filosofia brasileira permanecerá vítima da Razão Ornamental” (GOMES, 1994, p. 75).

pois ela perderia a sua criticidade enquanto triunfa somente o intelectual *sério*. “Creio ser isto suficiente para denunciar nossa inautenticidade intelectual [...], pois o intelectual brasileiro só leva *a sério* o *sério*, óbvia inversão” (GOMES, 1994, p. 15-16). Do mesmo modo, o homem *sério* não deve existir no humor, uma vez que com o seu triunfo as brincadeiras lúdicas e as piadas também perderiam o seu poder crítico.

É preciso que o humor brasileiro seja levado ‘a sério’, e não que se torne algo ‘sério’. O humor que é levado ‘a sério’ não se prende nas simples convenções, procura ir além, trazer algo novo, que enriquece os ouvintes através de uma simples e despretensiosa brincadeira. Porém, o humor quando se torna algo ‘sério’, primeiro, não cumpre a sua função primordial que é a de divertir-se a si mesmo e aos ouvintes e, segundo, fica preso em uma brincadeira alienante que, diante das circunstâncias assustadoras ao redor, sabe apenas responder com um riso que aprisiona, em vez de abrir o olhar para a necessidade do outro. (MARTINS; MESSIAS, 2019, p. 27)

Portanto, o humor que comporta a distração, é bom brincar, porém, o mesmo humor se mostra espetacular quando, além da diversão, traz consigo uma crítica a algo que atormenta a vida social. Essa postura se mostra como sendo altamente intelectual e, por que não filosófica, pois expressa um modo do não se conformar com a realidade a volta, mas denunciar o que esteja errado e gerando conflitos. Neste sentido, o humor pode realmente rir de tudo, sem se tornar um riso alienante, pois leva *a sério* o seu entorno quando elabora uma brincadeira.

5.1 Precisa-se de mais humor, rápido!

A realidade social contemporânea celebra o humor. Nota-se que o tema está sempre presente, pode estar auxiliando um professor na explanação da matéria aos alunos, muitas vezes está presente no líder ou no artista que começa a se destacar, está presente nas conversas dos amigos, nas inumeráveis propagandas para cativar a atenção, existe até canais televisivos voltados especificamente para o humor vinte quatro horas por dia, etc. enfim, o humor está aí e, de tão presente, já virou aquele familiar de casa, o qual já é muito bem conhecido.

Porém, essa constatação se revela contraditória, hoje, ao se ouvir comumente: “não se sabe rir”, “ninguém ri mais”, “ninguém mais tem humor”. Por que essa impressão de um mundo triste em meio a risos onipresentes? (MINOIS, 2003, p. 438) Ainda, por que muitas vezes não se pratica um humor crítico? A situação presente não o pede? Enfim, por que várias vezes o humor atual não é

nem crítico e ainda falha no respeito com o outro, o qual viu-se anteriormente que o humor deveria observar?

“O riso está em perigo, vítima de seu sucesso” (MINOIS, 2003, p. 419). Esse perigo deve muito especificamente à comercialização do humor, que o tornou um valioso meio de adquirir dinheiro. Também, atualmente cultiva a imagem do humor e vê nele um modo de conseguir até a fama.

Artistas costumam passar a imagem de serem extrovertidos e bem humorados frente a mídia. Para o político, que deseja ser eleito, é quase uma obrigação saber rir, ter senso de humor, saber se demonstrar desenvolvido, companheiro, alegre e ser capaz de compartilhar o riso do povo, isso demonstraria que ele possui respeitabilidade e populismo para representar os interesses da população. Por sua vez, o interesse econômico é evidente, pois “[...] a sociedade de consumo deve ser uma sociedade eufórica. O homem feliz compra, e o riso é um poderoso argumento de venda [...]” (MINOIS, 2003, p. 426).

Enfim, atualmente o que se vê é uma eufórica busca de festa o tempo inteiro, não humor em sua mais límpida e leve expressão. Busca-se um humor que sirva aos interesses do mercado e, isso, muitas vezes, não o mata, mas o distorce, transformando-o em um instrumento que reforça os interesses e o *status quo* dos grandes na sociedade. Então, o que fazer? Afirmar que o humor é algo negativo?

Só por que algo foi distorcido não quer dizer que seja negativo ou ruim. O amor, por exemplo, segundo Zygmunt Bauman²⁴, já foi apontado que foi transformado em algo banal passageiro, líquido, onde as relações atuais seriam apenas baseadas em interesses e seriam, assim, descartáveis e pouco duradouras. A denúncia feita pelo filósofo serviu para mostra como a sociedade atual desvirtuou algo tão belo que é o amor, não para eliminá-lo ou destruí-lo por causa de tal constatação. É nesse espírito que deve ser encarada a distorção do humor atual. E o próprio humor, o qual tem por si só a capacidade de brincar, podendo valer-se de sua capacidade crítica para revelar essa distorção.

Em suma, creio, sim, que o humor pode ter um poder transformador, contanto que baseado em observações precisas e com elaboração realmente espirituosa. Porém, ao ser produzido em cadeia, como nos dias de hoje, ele perde em qualidade e, logo, em influencia social. (TAILLE, 2014, p. 248).

²⁴ O sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman nasceu na Polônia, no dia 19 de novembro de 1925 e faleceu na Inglaterra no dia 9 de janeiro de 2017, deixando um enorme contributo para o pensamento atual (O LIVRO, 2016b, p. 138-139). Bauman aborda o tema do amor na atualidade na obra *Amor Líquido* (2004).

A exigência da produção constante do humor para a comercialização, também, contribui muito significativamente para o aumento da sua não criticidade e, por vezes, leva quem cria o humor a entregar-se a brincadeiras e a um humor mais apelativo, não passando de simples clichês. O que implicaria, ainda, uma não observação do respeito a pessoa do outro nas brincadeiras, pois, o comércio que pede o riso, muitas vezes, não está preocupado com certas coisas, vale mais o rir a todo e qualquer custo, por que o riso dá dinheiro.

E há, é claro, [...] aqueles [humoristas] que nunca ultrapassam o nível do clichê, do sexo, do palavrão e dos estereótipos, os quais são contratados para alimentar a fabulosa e milionária máquina de entretenimento que encontrou no ‘riso dos outros’ uma galinha dos ovos de ouro – galinha esta que ela talvez já esteja matando de tanto inebriar as pessoas de fúteis gargalhadas. (TAILLE, 2014, p. 248).

Porém, vale salientar que quanto mais o humor for respeitoso e crítico, mais ele se transformará em um humor atemporal, no qual as brincadeiras tidas por clichês e desrespeitosas nunca conseguirão, pois pode-se dizer que “os grandes cômicos são tão raros quanto os grandes filósofos” (MINOIS, 2003, p. 440).

Isso é o que acontece, por exemplo, com a série mexicana, *Chaves*²⁵, na qual apresenta um humor extremamente leve, respeitoso e engraçado; ou com o bordão criado por humorista Chico Anysio²⁶ para o seu personagem, o professor Raimundo: “E o salário, ó”, que expressa uma laboriosa crítica referente aos baixos salários dos professores que persistem até os dias atuais. O mesmo não acontece com o programa brasileiro *Os Trapalhões*²⁷, grande sucesso entre os anos de 1966 a 1995, quando visto em suas reprises nos dias de hoje possuem cenas que não inspiram mais o riso por estarem recheadas de piadas, disputas e peças que expressam o preconceito, violência contra o outro objeto do riso e brincadeiras de cunho sexual.

Frente a essa característica da atualidade que busca euforicamente o riso, é importante que a contemporaneidade aprecie de maneira crítica também o humor que consome, tentando buscar

²⁵ Criado por Roberto Gomes Bolaños, *El Chavo del Ocho* foi exibido entre os anos de 1971 a 1980 e o sucesso foi tanto que em 1973 a série de comédia ganhou espaço em vários países da América Latina, obtendo sempre altos índices de audiências nos mais de cinquenta idiomas que a série foi dublada e chegando a ganhar também uma versão para o mundo dos desenhos em 2006 (FORATO, 2021).

²⁶ O humorista, ator, locutor, produtor, roteirista, escritor, compositor, pintor, apresentador, Francisco Anysio de Oliveira Paula Filho dispensa apresentações e é conhecido por seus vários quadros e programas humorísticos que lhe rederam o título de O Mestre do Humor. Ele nasceu na cidade de Maranguape, CE, no dia 12 de abril de 1931 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 23 de março em 2012 (FRAZÃO, 2021).

²⁷ Criado por Wilson Franco, o grupo dos trapalhões, compostos por Didi, Dedé, Mussum e Zacarias, já fazia sucesso nos cinemas antes de sua estreia na tv Tupi, em 1974. Em 13 de março de 1977 estreio o primeiro programa na Rede Globo de Televisão, emissora que exibiu as aventuras da turma até o seu fim em 1995 (OS TRAPALHÕES, 2021).

aquele que acrescentaria mais leveza e respeito ao mundo e que não reproduziria ódio ou qualquer tipo de preconceito, pois, afinal de contas, o humor deve acrescentar sempre mais alegria ao mundo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visto que o humor é uma virtude propriamente humana e que ele é mais apreciado quando se compartilha alegrias com o outro, pois o social constitui o seu ambiente natural, é válido então dizer que ele nunca poderia ser totalmente insensível. Mesmo que uma certa *insensibilidade* faça parte do humor, o dado de que ela seja somente algo *momentâneo* nunca deve ser esquecido (BERGSON, 2018, p. 38-39), pois senão o humor cairia no perigo de oferecer somente em um *rir cruelmente* (TAILER, 2014, p. 32) do outro, da realidade, do mundo, enfim, daquele a quem o humor com o seu riso voltasse o olhar. Desse modo, qualquer tipo de “riso”, “brincadeira” ou “piadas” que reforce preconceitos, crueldade e a tristeza podem ser chamadas de qualquer coisa, menos de humor, por que o dado de total insensibilidade não faz parte do humor.

O humor nunca *ri cruelmente*, pois sempre traz um pouco mais de alegria e leveza para qualquer realidade, pessoa ou situação que ele volte seu olhar. Mesmo que ele aborde temas trágicos, a tristeza não passaria de um mero acaso de modo que se *riria de um mundo cruel* (TAILER, 2014, p. 32), o que não significaria concordar com a crueldade, mas escancará-la por meio do riso, denunciando a maldade do mundo, por exemplo, não por meio de protestos violências, mas por meio de uma risada que não seria cruel. Aqui, já se nota a incrível criticidade que o humor possui e a qual seria a mais alta contribuição que ele ofereceria para o social. O riso deve ser divertido sim, faz parte da sua essência trazer mais alegria para o mundo, mas esse mesmo riso não deve se tornar alienante, de modo que se ria de qualquer jeito. É necessário que ele seja também respeitoso e crítico para que ofereça cada vez mais um riso que seja leve, alegre e atemporal.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível**: na história do pensamento. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação do cômico. 1. ed. Tradução: Maria Adriana Camargo Cappello. São Paulo: Edipro, 2018.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. 3. ed. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

Charges engraçadas. Disponível em: <http://studiopegasus.blogspot.com/2014/11/charges-engracadas_12.html?spref=pi>. Acesso em: 30 jul. 2021.

Felicidade. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução: Alfredo Bossi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 434-436.

FRAZÃO, Dilva. **Chico Anysio**: ator e comediante brasileiro. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/chico_anysio/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

FORATO, Thiago. **Chaves 50 anos**: a inocência e simplicidade que virou fenômeno mundial. Disponível em: <<https://natelinha.uol.com.br/series/2021/06/20/chaves-50-anos-a-inocencia-e-simplicidade-que-virou-fenomeno-mundial-165571.php>>. Acesso em: 02 set. 2021.

GOMES, Roberto. **Crítica da razão tupiniquim**. 10. ed. São Paulo: FTD, 1994.

Ironia. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bossi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 584-586.

KIERKEGAARD, Søren. **Ou-Ou**: Um fragmento de vida - Primeira parte. Tradução: Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2013.

LA TAILLE, Yves de. **Humor e tristeza**: O direito de rir. 1. ed. Campinas: Papyrus, 2014.

MARTINS, Adielson; MESSIAS, Elvis Rezende. O humor como virtude: diálogos filosóficos à luz de Aristóteles, André Comte-Sponville e Roberto Gomes. **MultiCultura**: Revista Científica Online. Faculdade Sul mineira, v. 6, p. 15-31, jul/dez. 2019.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. Tradução: Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MONTEIRO, Geovana da Paz. A moral do riso em Bergson. **Ideação**: Revista Filosófica. n. 41, p. 280-297, jan/jun. 2020.

O LIVRO da filosofia. 1. ed. Trad. De Douglas Kim. São Paulo: Globo, 2016a.

O LIVRO da sociologia. 2. ed. Trad. Rafael Longo. São Paulo: Globo, 2016b.

OS TRAPALHÕES. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/humor/os-trapalhoes/formato/>>. Acesso em: 02 set. 2021.

PERISSÉ, Gabriel. Educação e humor. In: _____. **Introdução à filosofia da educação**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2008, p. 119-133.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. Heráclito de Éfeso. In: _____. **História da filosofia: filosofia pagã antiga**. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003. p. 22-24.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. Os físicos Pluralistas e os físicos Ecléticos. In: _____. **História da filosofia: filosofia pagã antiga**. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003. p. 39-69.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. Henri Bergson e a evolução criadora. In: _____. **História da filosofia: de Nietzsche à Escola de Frankfurt**. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006. p. 347-361.

SANTOS, Paulo Deimison Brito dos. Riso e função social na filosofia de Bergson. **Ideação: Revista de Filosofia**. n. 37, p. 144-153, Jan/jun. 2018.

STHIEL, Neuza Anklam. **O riso como denúncia social**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/900-4.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

Trágico. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução Alfredo Bossi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 968-969.

Tribuna online. **Charge do dia**. Disponível em: <<https://tribunaonline.com.br/coronavirus-e-o-tema-da-charge-do-dia-2>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

VERRONE, Alessandro Bender. **Uma abordagem cognoscitiva do riso**. Trabalho de conclusão de curso (Curso de mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

Recebido em: 01 out. 2021
Aprovado em: 01 nov. 2021